

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTIANE APARECIDA ARRUDA

**AGRICULTURA CAPITALISTA E A RESISTÊNCIA CAMPONESA NO  
MUNICÍPIO DE APIAÍ: O ASSENTAMENTO PDS PROF. LUIZ DAVID  
MACEDO.**

MATINHOS PR

2019

CRISTIANE APARECIDA ARRUDA

AGRICULTURA CAPITALISTA E A RESISTÊNCIA CAMPONESA NO  
MUNICÍPIO DE APIAÍ: O ASSENTAMENTO PDS PROF. LUIZ DAVID  
MACEDO.

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade brasileira a partir de seus Pensadores, Setor de Matinhos, Universidade Federal do Paraná.

**Orientador(a)/Professor(a):** Manuela Martins da Costa Aquino

MATINHOS-PR

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR LITORAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A  
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS  
PENSADORES - 40001016329E1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **CRISTIANE APARECIDA ARRUDA** intitulada: **Agricultura capitalista e a resistência camponesa no município de Apiaí: o assentamento PDS prof. Luis David Macedo**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

MANUELA MARTINS DA COSTA AQUINO

Presidente da Banca Examinadora

DELWEK MATHEUS

Avaliador Interno

LOURIVAL DE MORAES FIDELIS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

**AGRICULTURA CAPITALISTA E A RESISTÊNCIA CAMPONESA  
NO MUNICÍPIO DE APIAÍ: O ASSENTAMENTO PDS PROF. LUIZ  
DAVID MACEDO.**

Cristiane Aparecida arruda<sup>1</sup>

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a agricultura capitalista e a resistência dos camponeses no município de Apiaí, trazendo principalmente reflexões sobre assentamento PDS Professor Luiz David, que vive em um espaço de resistência, por não ceder ao modelo de agricultura implantada na região que tem como matriz principal o alto nível de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Para isso realizamos estudos bibliográficos e pesquisa de campo. Sendo assim iniciaremos o trabalho com um estudo sobre a reorganização da agricultura capitalista nos moldes do agronegócio orientado pelo capital financeiro que se intensificou com as políticas neoliberais. Também iremos discorrer sobre a resistência camponesa e a busca pela autonomia e manutenção da sua existência diante as mazelas do sistema e mesmo estando inseridos na realidade da agricultura brasileira resistem às diversas formas de subsunção imposta pelo agronegócio. Em seguida traremos reflexões sobre a agricultura no município, bem como a resistência do assentamento em manter a produção de alimentos saudáveis, e as dificuldades no que se refere à realização de meios para garantir a existência. No entanto as famílias vêm formando suas trincheiras de luta no local e contribuindo para transformar a realidade da agricultura no município.

**Palavras-chave:** Agronegócio. Resistência. Agricultura familiar camponesa. Assentamento. Alimentos saudáveis.

**ABSTRACT**

The objective of this paper was to carry out a study on the capitalist agriculture and the resistance of the peasants from Apiaí county, mainly reflections on the PDS Seating Luiz David Teacher, who lives in a resistance space, for not giving in to the model of agriculture implanted in the region that has as main matrix the high level of sintetic pesticides and toxic fertilizers. For this we carry out bibliographic studies and field research. Therefore we will start the research with a study about the capitalist agriculture reorganization in the molds of agribusiness guided by financial capital that it made meaningfully with neoliberal policies. We will also discuss

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia para Educadores do Campo na Universidade Estadual de Maringá PR em parceria com a Escola Milton Santos, Turma Iraci Salete Strozak- 2013/2017. Artigo de conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores na Universidade Federal de Curitiba PR/ Setor Matinhos em parceria com a Escola Latino Americana de Agroecologia, Turma Makota Valdina – 2018/2019.

peasant resistance and the search for autonomy and maintenance of its existence in the face of the systemic and ever if inserted in the reality of Brazilian agriculture, they resist the various forms of subsumption posed by agribusiness. Then, we will reflect on agriculture in the municipality as well as the resistance of the settlement in maintaining healthy food production, and the difficulties regarding the realization of means to guarding the existence. However families have been forming their fight trenches in the region, thus contributing to transform the reality of the municipality.

**Keywords:** capitalist agriculture; resistance of the peasants; settlement; healthy food production.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue realizar un estudio sobre la agricultura capitalista y la resistencia de los campesinos en el municipio de Apiaí, trayendo principalmente reflexiones sobre el asentamiento PDS El profesor Luiz David, que vive en un espacio de resistencia, por no ceder ante el modelo de agricultura implementado en la región. cuya matriz principal es el alto nivel de pesticidas y fertilizantes sintéticos. Para ello realizamos estudios bibliográficos e investigaciones de campo. Siendo así comenzaremos el trabajo con un estudio sobre la reorganización de la agricultura capitalista en la línea del agronegocio guiado por el capital financiero que se hizo significativo con las políticas neoliberales. También discutiremos la resistencia campesina y la búsqueda de autonomía y mantenimiento de su existencia frente a los problemas del sistema, e incluso insertada en realidad de la agricultura brasileña resiste en la subsunción impuestas por los agronegocios luego traeremos reflexiones sobre la agricultura en el municipio, así como la resistencia del asentamiento para mantener la producción de alimentos saludables y las dificultades con respecto a la reorganización de medios para garantizar la existencia, sin embargo las familias han estado formando sus trincheras de lucha en la región contribuyendo a transformar la realidad del municipio.

**Palabras clave:** Agronegocios. Resistencia. Agricultura familiar campesina. Asentamiento. Alimentos saludables.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um estudo para a conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus pensadores, realizado pela Universidade Federal do Paraná UFPR/ Setor Litoral em parceria com a Escola Latina Americana de Agroecologia (ELAA).

Com objetivo de buscar uma leitura mais profunda da realidade e também estudos bibliográficos de autores reconhecidos sobre o tema de estudo que proponho abordar para enfim compreender e poder intervir na realidade da qual estou inserida. Pretendo fazer reflexões iniciais sobre o capital na agricultura brasileira, trazer elementos da resistência camponesa em seu processo histórico e em seguida apresentar o município de Apiaí e assentamento PDS Professor Luiz David Macedo como território de resistência a agricultura capitalista. Para isto faremos uma abordagem metodológica de estudos bibliográficos e de campo no qual busquei desenvolver entrevistas com algumas famílias da comunidade, com dirigente do sindicato dos trabalhadores rurais de Apiaí e agentes da secretária de agricultura do município, utilizamos um método aleatório para a escolha das famílias entrevistadas. Para o referencial teórico realizei estudos de autores como, Stedile, (2013) Delgado (2010), Caldart 2012, Carvalho, (2016), Fernandes (2013), entre outros.

Neste sentido, o campo brasileiro na atualidade expõe as contradições do modelo de agricultura implantado pelos moldes do agronegócio, muda sua roupagem, mas continua mantendo resquícios das arcaicas ideologias latifundiárias de dominação, com um diferencial que as relações econômicas passam a ser determinadas pelo capital financeiro e industrial. Esta nova fase de reorganização da agricultura com forte discurso de manter a estabilidade da economia toma corpo e impulso com as políticas neoliberais dos anos 90. (DELGADO, 2013).

Atualmente a agricultura é orientada pelo capital financeiro que controla um conjunto de atividades econômicas dominando toda a cadeia do setor agrícola envolvendo os processos de produção, agroindustrialização e comercialização, com um único objetivo obter lucro e se apropriando de forma autoritária cada vez mais das terras para produção de *commodities*<sup>2</sup> (STEDILE, 2013) não considerando a história da agricultura, e sua importância para as comunidades e as culturas existentes nas regiões.

É neste cenário que a agricultura camponesa está presente, e os camponeses com sua maneira de relacionar com o mundo e a natureza em uma incansável busca de se manter na terra, preservar sua cultura, sua linguagem, resistem historicamente ao modelo de produção capitalista. Mesmo consciente ou inconsciente do seu papel de sujeito na produção de alimentos saudáveis, sentem profundamente os efeitos

---

<sup>2</sup>Produção de mercadorias para exportação, ex. commodities minerais e agrícolas.

estruturalmente da agricultura capitalista que com sua forma hegemônica de produção, utilizam meios políticos e aparatos do Estado marginalizar cada vez mais agricultura familiar camponesa. (CARVALHO, 2016).

Por outro lado, os camponeses com sua relação intrínseca com o meio ambiente na busca constante de autonomia perante as relações do capital na agricultura formam e recriam em meio às contradições e conflitos uma identidade que coloca a luta e a resistência como palco central na sua existência (FERNANDES, 2003). Neste processo contraditório da agricultura capitalista, a agricultura familiar camponesa vem sobrevivendo e se reafirmando, buscando em meio a estas mazelas uma maneira para conquistar a liberdade, autonomia, defendendo suas raízes culturais no que se refere às festividades e crenças, suas identidades de sujeitos históricos de classe na produção de alimentos, tentando preservar as riquezas naturais ainda existentes para as futuras gerações.

Portanto, a agricultura no município de Apiaí, localizado no alto vale do Ribeira expõe a contradição deste modelo, porque as famílias do assentamento PDS Professor Luiz Davíd Macedo, ao mesmo tempo em que estão inseridas na realidade do município, aonde a agricultura é altamente dependente do uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, que vem causando a destruição do meio ambiente, da terra e dos recursos naturais e conseqüentemente arrastando consigo vários problemas no que refere a saúde da população e dos agricultores que trabalham em contato direto com os agrotóxicos. Também estas famílias do assentamento resistem a este modelo praticando uma produção orgânica, com princípios agroecológicos livre de agrotóxicos, resgatando valores culturais com a terra a natureza e buscando em meio às diversas dificuldades a autonomia e dignidade.

## **2. O CAPITAL NA AGRICULTURA BRASILEIRA**

A agricultura capitalista nos moldes do agronegócio patrocinado pelas políticas neoliberais intensificou-se a partir dos anos 1990, os sucessivos governos adotaram políticas econômicas que determinaram um novo arranjo na organização da agropecuária brasileira. Esta nova fase é apresentada como demanda da macroeconomia e significou a integração dos diferentes tipos de capitais industrial,

agrário e bancário, organizados nos grandes conglomerados agroindustriais e comerciais.

Esta nova fase de reorganização da agricultura capitalista, constituída e planejada sobre forte argumento da importância do agronegócio para a estabilidade da economia, modelo este que tem como estratégia a associação do capital financeiro, capital industrial com os grandes proprietários de terras sob forte incentivos de política de Estado, direcionados para os interesses da propriedade privada e possibilitando ainda mais o aumento do lucro da renda da terra para empresas vinculadas a este modelo de produção. Deste modo os ajustes determinados pela macroeconomia nas últimas décadas significaram um novo pacto entre o capital financeiro e o capital agroindustrial visando o aumento da lucratividade essencialmente a partir da renda da terra.

A articulação público–privada da política agrária e das estratégias privadas de acumulação de capital no espaço ampliado do setor agrícola tradicional e dos complexos agroindústrias, perseguindo lucro e renda da terra, constitui aquilo que denomino de novo pacto da economia política do agronegócio. (DELGADO, 2013.p.84)

Assim sendo, o atual estágio do modelo do agronegócio orientado pelo capital financeiro se caracteriza na formula de monopólio, um pequeno número de empresas controla um conjunto de atividades econômicas dominando toda a cadeia do setor agroalimentar que envolve desde a produção, industrialização e comercialização, com um único objetivo obter lucro absoluto, assim sem levar em consideração a produção de alimentos saudáveis, a reprodução da vida no campo, e de maneira geral vem apropriando de forma autoritária cada vez mais das terras para produção de *commodities* expropriando e expulsando os camponeses do campo. Segundo Stédile (2013).

Em resumo pode se dizer que o capital e seus proprietários capitalistas, representados pelo grande proprietário de terra, bancos, empresas nacionais e transnacionais, estão aplicando em todo o mundo o chamado modelo de produção do agronegócio (*agribusiness*), que se caracteriza sucintamente por: organização da produção agrícola na forma do monopólio (um só produto) em escala de áreas cada vez maiores; uso intensivo de máquinas agrícola, também em escala cada vez mais ampla expulsando a mão de obra do campo; a prática da agricultura sem agricultores; uso intensivo de venenos agrícolas, os agrotóxicos [...] (STEDELE,2013, p. 33).



Desta forma o agronegócio dispõe de tecnologias avançadas, máquinas cada vez mais modernas, disponibilidade de irrigação em grande quantidade, uso intensivo de fertilizantes sintéticos e alto nível de agrotóxicos, manipulação de sementes via transgenia significando um conjunto de inovações com o objetivo de proporcionar maior produtividade, no entanto, este aparato técnico, científico não beneficiou em nada a população do campo, suas consequências agravaram ainda mais a situação agrária na atualidade brasileira, causando grandes desigualdades sociais e econômicas. Como afirma Fernandes (2013)

A fundação do agronegócio expandiu a conflitualidade, ampliando o controle sobre o território e as relações sociais, agudizando as injustiças sociais. O aumento da produtividade dilatou a sua contradição central: a desigualdade. A utilização de novas tecnologias tem possibilitado, cada vez mais, uma produção maior em áreas menores. Esse processo significou concentração de poder e, em consequência, de riqueza e de território. (FERNANDES, 2013, p.217).

Consequentemente o agronegócio em sua atuação e organização no território onde se instala provoca grandes desequilíbrios socioeconômicos, principalmente com a monocultura (soja, milho, cana de açúcar e madeira) *commodities* para exportação expulsando cada vez mais o camponês do campo que não encontra outra saída a não ser buscar meios de sobreviver nos centros urbanos, aumentando a população das cidades nas favelas e em consequência o empobrecimento e a miséria da grande maioria. O agronegócio por sua natureza subordina e controla a agricultura camponesa impondo o que produzir e como produzir, explora seu trabalho e o expropria de tudo inclusive do seu bem mais precioso sua relação histórica e cultural com a terra e o obriga a trabalhar de sol a sol sobrevivendo em péssimas condições tendo contato direto com agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, acabando com a saúde e o descaracterizando cada vez mais.

A agricultura capitalista com seu poder de expansão atua de diferentes formas, mas seu modo de produção continua pautado na produção de mercadorias, na destruição da terra e dos recursos naturais e na submissão do território a lógica da mercadoria, provocando a subsunção e o controle da vida do agricultor camponês. Toda via, com o discurso de integração dos trabalhadores do campo ao “agro” o qual é reforçada pela mídia burguesa como única forma possível de produzir, desconsidera relações históricas e culturais existentes no território e alteram profundamente as

relações sociais aumentando as desigualdades sociais, destruição de valores humanos tendo como consequência o aumento desmedido da miséria e da pobreza absoluta.

Entretanto a agricultura capitalista nas suas diversas maneiras visa somente o objetivo da produção e produtividade sem levar em consideração os elementos sociais, culturais e ambientais, mas mantem as velhas práticas baseadas nas estruturas de poder político e econômico da arcaica ideologia latifundiária preservando aos donos do capital o monopólio dos meios de produção da propriedade privada resultando na concentração da riqueza em benefício da minoria.

O agronegócio pautado na produção de mercadorias, onde tudo se torna lucro, traz consigo um elemento próprio do capital, a competitividade sendo este um requisito necessário para a manutenção da produção capitalista, e neste cenário vivem os agricultores familiares camponeses buscando em meio à desumanização, exploração, preconceitos, e desigualdades um jeito de viver próprio do ser camponês que procura a liberdade pra plantar, se alimentar, vender sua produção, ou seja, o camponês quer viver num mundo que aceitem eles como eles são e compreendam a importância da agricultura familiar camponesa para conservação da terra, das sementes, das florestas, rios, das águas, dos alimentos, para manutenção da vida humana no momento atual e para as futuras gerações.

## 2.1. A RESISTÊNCIA CAMPONESA.

A agricultura familiar camponesa tem seu modo próprio de viver de ser e de se relacionar com a terra e os recursos naturais, se caracterizam pela sua maneira de fazer agricultura tendo como base a vida familiar de produção, o convívio harmonioso com a natureza e todas as formas de vida, tomam decisões orientadas pelo núcleo familiar e comunitário, e definem o que produzir e como produzir para sua existência bem como para o mercado. Buscam autonomia na produção de sementes, insumos e equipamentos para o cultivo, se organizam para retirar da terra a maior parte dos alimentos que consomem e vendem parte da produção para adquirirem o que entendem como necessário pra família e comunidade, sendo assim a agricultura familiar camponesa está basicamente voltado na relação do homem com a natureza e com a sua coletividade, onde trocam saberes, festejam suas crenças, cultivam seus alimentos, portanto, o ceio familiar e comunitário se torna um dos

pilares essenciais na vida dos agricultores familiares camponeses. Ressalta Gorgen (2016) a importância da comunidade para preservação da vida camponesa.

A comunidade é um elemento central na vida do camponês. Destruir suas comunidades é destruí-lo por inteiro. [...] Tudo adquire significado e todos tem importância na comunidade camponesa. Nas comunidades camponesas as individualidades têm espaço. As que contrastam com o senso comum encontram meios de influir. Os discretos são notados. Não há anonimatos na comunidade camponesa. As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês. (GORGEN, 2016, p. 102).

No entanto, a agricultura camponesa por sua organização familiar com base social na produção e reprodução da vida sobrevive resistindo às diversas formas de subsunção, subordinação e a exploração da agricultura capitalista, e por mais que esteja inserida na agricultura imposta pelo modelo capitalista, resistem praticando valores camponeses de se relacionar com a terra e a natureza, buscando diversas formas de obter autonomia na sua produção se reafirmando como sujeitos na história da agricultura. De acordo com Carvalho, Costa, (2013).

Para resistirem às pressões derivadas da racionalidade dominante, as famílias que praticam o modo camponês de fazer agricultura, afirmando valores que determinam a sua condição camponesa, tendem a orientar as suas escolhas de acordo com as complexidades que emergem da sua tensão busca por autonomia relativa ao capital (CARVALHO, COSTA, 2013, p. 28).

O agricultor camponês por sua natureza de ser resiste ao sistema de produção capitalista, e mesmo consciente ou inconsciente do papel de sujeito na produção de alimentos saudáveis, sentem profundamente os efeitos desestruturantes da agricultura capitalista imposta pela forma hegemônica de organização produtiva, que historicamente utilizam meios políticos, sociais, econômicos e culturais para descaracterizar, marginalizar a agricultura familiar camponesa para que esta seja favorável à valorização do capital na agricultura e mesmo que em condições relativas à agricultura familiar camponesa resiste e sobrevive, no entanto quem determina todas as relações é o modelo de produção vigente.

En la producción mercantil campesina el proceso laboral presenta una autonomía relativa frente al proceso de valorización del capital, al que sólo sirve en última instancia y a través de una serie de mediaciones. Em un corte estático esta situación arroja un saldo favorable al capital global, pero desde el punto de vista del proceso de desarrollo capitalista resulta un

elemento contrarrestante, por cuanto *el factor dinámico en el proceso de paulatina subsunción real es la subsunción formal*. (BARTRA, 1982.p.65)

Neste processo de contradições da agricultura capitalista, a agricultura familiar camponesa, sobrevive e se reafirma construindo maneiras para a superação frente os efeitos dos interesses do capital no campo, as comunidades que preservam seus valores buscam formas de conquistar a liberdade, autônoma, defendendo suas origens culturais no que se refere às festividades e crenças, suas identidades de sujeitos históricos na produção de alimentos, e de maneira simples produzindo conhecimento, desempenham suas atividades em equilíbrio com os recursos naturais ainda existentes para as futuras gerações.

No entanto, a agricultura capitalista com o modelo do agronegócio não medem esforços para submeter a ela todo tipo de produção que não seja totalmente dependente dela pra viver e neste processo devastador vem impondo cruelmente formas distintas das construídas historicamente pelos camponeses, trazendo profundas contradições como as desigualdades e subordinação destes trabalhadores, e para ampliar o domínio utilizam também do preconceito e discriminação como elemento fundamental de destruição, visto que a forma de produzir mercadorias no campo para o lucro do capital com o movimento de extinguir a agricultura camponesa é reforçada todo tempo pelas políticas de estado, pelas universidades e até mesmo pelo senso comum, “[...] a qual é estimulada pelos meios de comunicação de massa e pelo ambiente sociocultural no campo, este impregnando politicamente pela defesa, a partir das classes dominantes e dos governos, da grande empresa capitalista agrícola” (CARVALHO, 2016, p.198).

Neste sentido os processos de expansão deste modelo hegemônico de produção se tornam cada vez mais intenso na medida em que avançam os territórios “ditos não desenvolvidos” com a sua forma autoritária esmagam a história, a cultura, o modo de produção, a ligação profunda dos agricultores familiares camponeses com a natureza, de maneira geral e constante provoca a destruição da dignidade e da vida dos camponeses. Por outro lado, os camponeses com seu modo de ver o mundo, sua relação intrínseca com o meio ambiente na busca incansável de autonomia perante as relações do capital na agricultura forma e recria em meio às contradições e conflitos que coloca a luta e a resistência como palco central na sua existência, Fernandes (2003) aponta que:

Nesta condição, nasce o conflito, porque o capital, tentando manter sua lógica e seus princípios, enfrenta permanentemente os camponeses para continuar domina-los. Por sua própria dignidade, os camponeses lutam continuamente pela autonomia política e econômica. (FERNANDES, 2003, p.183).

Desta forma, conflitos surgem e se mantem pelos efeitos da organização de agricultura imposta pelo capitalismo no campo em seu enfrentamento direto para submeter aos seus interesses toda e qualquer outra forma de organização produtiva que a questione, rejeite e principalmente coloque impeditivos na expansão de suas fronteiras.

A burguesia agraria usa de todos os artificios possíveis sejam eles políticos, militares, midiáticos e acadêmicos, para controlar e subordinar agricultura familiar camponesa, e neste processo de subsunção consequentemente criam formas para extrair todo lucro possível por meio da superexploração dos trabalhadores do campo [...] “la subsunción general de la agricultura há de estar al servicio de la valorización del capital y principalmente de sus sectores hegemônicos”( BARTRA, 1982.p.65) todavia em contrapartida à agricultura familiar camponesa luta incansavelmente para construir autonomia e reafirmarem em quanto sujeitos históricos produtores de sua própria existência.

[...] o campesinato na sua práxis social estabelece uma relação contraditória com o modo de produção capitalista – portanto, diferentes modos de produção em contradição no âmbito da formação econômica e social brasileira – tentativas de opressão e de desagregação por parte da burguesia com relação ao campesinato têm com enlace lutas sociais de classe: burguesia contra campesinato (CARVALHO. 2016 p. 155).

Neste movimento contraditório e permanente da agricultura estão presentes os agricultores que consciente ou mesmo inconsciente da importância e necessidade de construção de uma classe para a manutenção da vida camponesa, formam historicamente uma trincheira de luta e resistência “Neste contexto de contradições sociais irreversíveis, a luta social do campesinato contra a burguesia faz com que o campesinato comporte politicamente como classe social” (CARVALHO, 2016, p. 155).

E apesar de que parcelas de agricultores familiares camponeses não tomaram consciência de sua importância de sujeito histórico, contudo buscam as mais distintas maneiras de negação em seus cotidianos vivenciados, as formas de produzir e de

viver estão em disputa permanente, camponeses ainda que subordinados a lógica do capital, negam este modelo e mesmo que de forma gradual utilizam seus conhecimentos e técnicas que foram adquirindo historicamente e culturalmente na formação da agricultura brasileira, e em meio a estas contradições vivenciadas concretizam ações de resistência criando e recriando formas de combater este modelo capaz de submeter o campesinato cada vez mais a sua lógica.

[...] a existência do camponês assentado não nega a lógica do capital, todavia ao mesmo tempo em que está vinculado à lógica deste, também descobre caminhos para o rompimento dessa submissão, por exemplo, participando de novas ocupações e engrossando as fileiras das manifestações anticapital e, no limite, fazendo opções para estender e manter seus princípios de sociabilidade. (THOMAS JR, 2006. pg. 153).

No entanto considera que o processo de formação da consciência<sup>3</sup> camponesa se apresenta como necessária na luta pela emancipação dos povos, neste sentido debates, diálogos e práticas permanentes de formação da consciência, precisam ser pensadas e adotadas com a intencionalidade política e organizativa no sentido de construir uma classe. Estes debates não devem ficar somente no âmbito intelectual, mas também se faz necessário discutir concretamente com o povo do campo e da cidade mostrando a inviabilidade e a destruição contínua que o modo de produção capitalista vem causando para humanidade. “[...] o campesinato necessita mais do que nunca de se construir politicamente e se comportar como classe social em contradição inconciliável com o capital”. (CARVALHO, 2016, p. 155)

Sendo assim, observa que os movimentos sociais organizados do campo, principalmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) pelo seu histórico de enfrentamento direto ao capital na agricultura vêm contribuindo com o processo de formação da consciência política e organizativa dos camponeses ao propor um novo paradigma para a produção e desenvolvimento do campo baseado no compromisso com a função social da terra e na produção de alimentos saudáveis e

---

<sup>3</sup>Sabemos que só é possível conhecer algo se o inserirmos na história de sua formação, ou seja, no processo pelo qual ela se tornou o que é assim é também com a consciência, ela não "é", "se torna". Amadurece por fases distintas que se superam, através de formas que se rompem, gerando novas que já indicam elementos de seus futuros impasses e superações. Longe de qualquer linearidade, a consciência se movimenta trazendo consigo elementos de fases superadas, retomando aparentemente, as formas que abandonou. (IASI, 1999.p.15)

vinculada a um projeto de sociedade, podem construir forças suficientes para fazer o enfrentamento e questionar profundamente as relações capitalistas de produção<sup>4</sup>.

[...] nas condições objetivas e subjetivas da formação econômica e social brasileira contemporânea, o campesinato como classe social em contradição com as mais distintas frações da burguesia nacional e transnacional passa a apresentar elevada relevância, seja na disputa pela terra e pelos recursos naturais que esta suporta, seja pelas evidências concretas de que a grande empresa capitalista agrícola é nociva não apenas ambiental, como econômica, social e culturalmente. (CARVALHO, 2016, p.156).

Neste sentido, os camponeses/trabalhadores e os movimentos sociais organizados do campo têm o desafio de se reafirmar enquanto classe, compreendendo que o enfrentamento à agricultura capitalista é necessário para sobrevivência e existência do camponês, visto que a disputa do território se torna cada vez mais acirrada, a natureza expansionista da agricultura capitalista coloca em disputa os territórios conquistados e socializados pelos camponeses Sem Terra e pelos agricultores familiares camponeses.

A busca por autonomia econômica e política nestes territórios conquistados indica ser um caminho enquanto estratégia, com processo de resistência que possibilite a formação da consciência, formação política, crítica e organizativa. “a classe se delineia de acordo com os homens e as mulheres experimentam relações de produção e segundo as situações determinadas no interior das relações sociais e como se apropriaram dessas experiências em nível cultural” (THOMAS JR, 2006. pg. 161).

Portanto, as resistências camponesas de luta acontecem todos os dias e em todas as partes do território brasileiro, algumas com mais intensidade outras com menos, mas todas as lutas com intencionalidade de resistência, porque querem tirar do camponês o que é mais importante da sua vida, a história da agricultura camponesa, o vínculo profundo que o camponês tem com a terra e a natureza, sua liberdade cultural e religiosa. Neste sentido o município de Apiaí no Vale do Ribeira não está fora desta realidade e expõe as grandes contradições dos modelos de agricultura, a capitalista e a camponesa.

---

<sup>4</sup> Programa agrário. Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra. São Paulo, 2013.

## 2.2. RESISTÊNCIA CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE APIAÍ DO VALE DA RIBEIRA.

A região do Vale do Ribeira é totalmente diferenciada das demais regiões do estado de São Paulo pela sua diversidade de fauna e flora e pelas populações existentes no local. O Vale da Ribeira é conhecido atualmente pela sua diversidade ambiental, possui cerca de 23% da mata atlântica existente no estado de São Paulo, onde se localizamos parques estaduais e estações ecológicas. O vale também se destaca pelas populações existentes no território “[...] existem no Vale do Ribeira 13 comunidades indígenas, 33 quilombos, 3.438 pescadores artesanais, 7.037 estabelecimentos da agricultura familiar 80 comunidades caiçaras, além de ribeirinhos e povos da floresta”. (LIMA, 2017, p. 81).

No entanto no decorrer de sua construção histórica, o Vale do Ribeira vem sendo ocupado pelo modelo de produção capitalista, seja na exploração de minério, uma das atividades econômicas fortes da região, mas também se destaca na produção agrícola, como no caso de algumas cidades como Registro, Jacupiranga, Iguape, Pariquera Sul e Cananéia, com a intensiva produção de bananicultura, e no município de Apiaí na produção de tomate convencional, sendo estas produções advêm do forte uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos.

No caso do município de Apiaí sua economia é voltada a mineração<sup>5</sup> e a produção agrícola, cerca de 6.973 pessoas vivem no campo. Grande parte da renda do município é oriunda de agricultura familiar, visto que existem muitas unidades de produção caracterizadas como familiar no município.

Segundo dados da secretaria municipal de agropecuária no município de Apiaí existem muitas unidades de produção com a média de 15 ha sob o sistema da produção familiar, destas áreas cerca de 4.424 ha<sup>6</sup> são utilizada para o cultivo de tomate, milho e feijão e de culturas permanentes como frutas, pinus<sup>7</sup> e eucalipto.

Apesar de ter uma forte predominância de agricultores familiares, o cultivo que ainda prevalece é a produção de tomate convencional, baseado na produção de mercadorias, tendo como base principal o uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Conforme refere se LUZ (1996, p.195)

---

<sup>5</sup> Mineração de calcário da empresa Intecement S. A

<sup>6</sup> <http://apiai.sp.gov.br/site>- (acesso julho 2019)

<sup>7</sup> Vale destacar que a produção de pinus para resina nos últimos anos cresceu consideravelmente, com a chegada da empresa AS Resinas.



[...] o plantio de tomate se iniciou no Município de Apiaí, em 1949. A cultura do tomate a contar de então, ano a ano, foi crescendo e o nosso rural tradicional, foi esquecendo as tradicionais lavouras de milho, feijão, arroz, cana de açúcar, etc., para se entregar, na sua grande maioria, ao plantio intensivo do tomate, que hoje em dia, caracteriza a monocultura do município. O plantio do tomate, observando-se o assunto em sua crucial profundidade, empobreceu muitos e enriqueceu poucos, arrastando atrás de si sérios problemas sociais para o Município. Muitos daqueles ou descendentes daqueles que antes ocupavam e usufruíam da terra em termos de minifúndio, e nela tinham a garantia de sua subsistência ainda que modestamente, entraram na custosa e arriscada lavoura do tomate e saíram malsucedidos; acabaram perdendo seu minifúndio e passaram a viver como nômades, servindo aos maiores plantadores como meeiros ou formadores da lavoura tomateira [...]. (LUZ 1996, p. 195).

Portanto, as contradições da agricultura em Apiaí estão cada vez mais profundas, é possível perceber a forte descaracterização da agricultura familiar camponesa que acontece em detrimento da imposição da agricultura capitalista na região a qual vem trazendo consigo a desigualdade social e humana do trabalhador e o empobrecimento do agricultor camponês e da diversidade agrícola e ambiental.

Neste sentido, no município de Apiaí a agricultura capitalista está instalada, porém, não se organiza em grandes extensões de terras como modelo do agronegócio na produção de *commodities* (soja, milho, cana de açúcar, e outros), no entanto utilizam um alto nível de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Todavia, essa agricultura está organizada em pequenas propriedades familiares, mas como se pode verificar a forma como se organiza a produção gera grandes desigualdades sociais, visto que os agricultores com pouca condição financeira para a produção se integram na agricultura local, ele passa a cultivar a lavoura de tomate em sua terra ou na propriedade do agricultor com capital, em época de colheita o resultado da produção é dividido, ou seja, o agricultor dispõe da sua mão de obra, e às vezes da sua terra e divide metade de tudo que produz com o agricultor integrado ao capital.

Os agricultores que não trabalham nestas condições, arrendam suas pequenas propriedades para o uso do agricultor com capital. Estes agricultores capitalizados ou integrados exploram os agricultores pobres sem-terra da região no cultivo de suas áreas. “Os que arrendam mais que 05 ou 06 alqueires, por regra, são camponeses ricos, dado que um sítio de tal extensão não consegue ser trabalhado por uma única família. A contratação de assalariados sazonais ou permanentes, para estes elementos, torna-se uma necessidade” (ROSENDO, 2015, p.16). Neste sentido Fernandes

(2016), ressalta importância de compreender a diferença entre o conceito de agricultor familiar camponês e agricultor familiar capitalista.

É fundamental ressaltar que a diferença estrutural entre agricultura de base familiar (denominada popularmente de agricultura familiar) e agricultura familiar capitalista. Quando afirmamos que a agricultura familiar é camponesa, estamos nos referindo à agricultura de base familiar, cuja renda total é produzida predominantemente pelo trabalho dos membros da família [...] A agricultura de base familiar é camponesa exatamente por se distinguir da agricultura capitalista. O conceito de campesinato nasceu antes de existir o capitalismo de modo que esta relação social – e forma de organização do trabalho e da produção – pode ser familiar, comunitária, associativa, cooperativa, mas nunca é capitalista (FERNANDES, 2016, p. 310).

Sendo assim observa-se que a agricultura no município de Apiaí mantém relações capitalistas na produção. “Quando uma família tem a mais – valia como sua principal fonte de renda, ela deixa de ser camponesa para se transformar em capitalista” (FERNANDES, 2016, p. 310). Nas palavras de Carvalho “[...] e em contextos históricos que lhe são desfavoráveis, parcelas deles se subordinam consciente e acomodadamente a algumas frações de capital agroindustrial numa negação de si próprios como camponeses [...]”. (CARVALHO, 2016, p. 170)

Desta forma, os agricultores integrados ao modelo hegemônico exploram agricultores descapitalizados e os agricultores sem-terra e ao mesmo tempo são controlados por algum tipo de empresário. “La existencia del campesinado al interior del modo de producción capitalista se nos muestra como resultado de las necesidades de reproducción de este modo de producción”. (BARTRA, 1982, p.65).

E por mais que a agricultura no município não seja organizada em grandes extensões de terra com a produção da monocultura em alta escala características próprias do agronegócio e de sua expansão, a fórmula de integração é a mesma, mantém relações com empresas vinculadas ao capital (agronegócio) que controlam toda cadeia produtiva, ou seja, empresas com o pacote tecnológico (sementes, adubos, agrotóxicos, fertilizantes sintéticos, fungicidas, etc..) que também controlam o preço e venda do produto. “[...] proprietários de terras não controlam mais o processo e as margens de lucro. Eles estão reféns das empresas que controlam a produção e o comércio. Por isso, a maior parte do lucro fica com a empresa na esfera do comércio” (STEDILE, 2013, p. 37.).

Não sendo diferente no município de Apiaí, a organização da produção na agricultura desenvolve sua matriz tecnológica pautada na dependência de agrotóxicos

e fertilizantes sintéticos, a produção é basicamente manual, expondo os trabalhadores e suas famílias a contaminações causadas pelo contato direto ao veneno “os venenos destroem a biodiversidade, alteram o equilíbrio do meio ambiente, afetam as mudanças climáticas e, sobretudo afetam a saúde das pessoas, com a proliferação de doenças como o câncer”. (STEDILE, 2013, p.35).

O assentamento PDS professor Luiz David Macedo não está fora desta realidade, porém ainda conserva a sua identidade própria e desta forma se constitui como um território de resistência no município por não ceder aos interesses do modelo capitalista de agricultura colocado. “Os camponeses que não aceitam os processos de exploração econômica e de dominação política pelas classes dominantes capitalistas construíram uma identidade destinada à resistência”. (CARVALHO, COSTA, 2012 p.30)

É neste movimento contraditório de relações a resistência camponesa vem acontecendo. Em 2003, inicia um movimento de luta pela terra na região, trabalhadores e trabalhadoras sem terra, impulsionados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ocuparam as margens da rodovia SP 250, no município de Apiaí SP, ao lado de um latifúndio improdutivo, a antiga fazenda vitória pertencente a um banco falido, onde só havia a criação de bubalinos sem um manejo adequado destruindo as nascentes e áreas de proteção permanente, corte de árvores nativa, manejo ilegal do palmito, contrabando de animais silvestres, poderia se tornar um assentamento de reforma agrária, trabalhadores reivindicavam o direito de produzir alimentos na terra e organizar a vida em comunidade.

Neste sentido, as famílias permaneceram em resistência nas margens da rodovia, por um longo período, nesse tempo o acampamento foi se tornando um espaço de formação dos sujeitos, com as vivências coletivas, inserção na vida da comunidade, espaços de oficinas e experiências em agroecologia, visitas em áreas onde desenvolviam uma agricultura sustentável e ecológica, ou seja, a vida no MST foi proporcionando as famílias a se apropriar de práticas agroecológicas num processo de compreensão do papel de sujeito histórico na construção da agroecologia.

É ele o sujeito educativo principal do processo de formação dos sem-terra, no sentido de que por ele passam as diferentes vivências educativas de cada pessoa que o integra, seja em uma ocupação, um acampamento, uma marcha, uma escola os sem-terra se educam como *Sem Terra*. (CALDART, 2012, p. 329).

Portanto, as famílias desde a ocupação já vinham discutindo e construindo o projeto de assentamento Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS<sup>8</sup>) com objetivo principal a produção de alimentos saudáveis, com matriz agroecológica de produção.

Em jornada de luta do MST em abril de 2006, as famílias da região sudoeste de SP realizaram uma ocupação na empresa Suzano papel e celulose no município de Itapetininga, o objetivo desta ocupação foi colocar em pauta a reforma agrária, denunciar a ocupação do território pelas empresas transnacionais e a morosidade do poder judiciário para julgar os processos que implicavam para a consolidação de novos assentamentos. Esta mobilização pressionou o judiciário a assinar a emissão de posse<sup>9</sup> favorável para implantação do assentamento.

A fazenda que as famílias foram assentadas tem aproximadamente 7.626 hectares, nos quais, apenas 13% são agricultáveis sendo que o restante da área é composto pelo bioma mata atlântica, nascentes e áreas de preservação permanente. A comunidade foi assentada em área de amortecimento do Parque Estadual Turístico do Alto Vale do Ribeira (PETAR) e faz divisa com o Parque Municipal Morro do Ouro, possui um clima muito instável frio e chuvoso. Todas as famílias produzem alimentos agroecológicos e estão divididas em 13 ilhas de moradia<sup>10</sup>. A comunidade por ter um diferencial no projeto de assentamento aposta na diversidade da produção.

A região é conhecida pela grande produção de tomate convencional e uso extensivo de agrotóxicos. Com a implantação do assentamento de matriz agroecológica, tornou se possível mostrar pra sociedade apiaiense, ser possível produzir sem agrotóxicos, respeitando o meio ambiente e todas as formas de vida existentes na região dando assim um salto de qualidade na alimentação da população principalmente por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA<sup>11</sup>).

---

<sup>8</sup> Projeto de Desenvolvimento Sustentável PDS. [...] é uma modalidade que contempla aspectos de interesse socioeconômico- ambiental destinado ao desenvolvimento de atividades de baixo impacto ambiental, incluindo a agricultura familiar, desde que adote estratégias de uso racional dos recursos naturais e desenvolva técnicas ecologicamente corretas, considerando a aptidão da área e potencial de conservação e ampliação dos recursos naturais [...]. (PROJETO PILOTO, 2017, p. 12).

<sup>9</sup> “Ato judicial pelo qual a posse de alguma coisa é entregue a determinada pessoa, com causa negocial ou legal, a quem essa posse faz jus e que dela se encontrava privado”. (KAWAKAMI, 2010 pg. 66)

<sup>10</sup> Ilha de moradia se refere a organização das famílias no assentamento, as mesmas estão organizadas em agrupamentos em meio a mata atlântica.

<sup>11</sup> PAA- Programa de Aquisição de Alimentos criado em 2003 pelo governo Lula que permite compra publica de produção de alimentos dos agricultores e doadas para organização de assistências social, merenda escolar etc.

Neste sentido, em meados de 2008 o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA<sup>12</sup>) inicia um convênio com a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (EZALQ<sup>13</sup>) para estudos e implantação de algumas práticas agroecológicas, como, por exemplo, o tomate orgânico e sistemas agroflorestal, porém com o termino do projeto os agricultores não conseguiram dar continuidade as experiências. Vale ressaltar que a experiência do tomate orgânico trouxe um bom resultado inclusive na renda das famílias devido ao menor custo na produção e no diálogo com a população.

Sendo o único assentamento organizado pelos trabalhadores rurais Sem Terra com uma proposta agroecológica na região, no decorrer de sua consolidação, os problemas foram aparecendo, principalmente quando se trata do viés econômico, cultural e social das famílias. As famílias estão assentadas há 13 anos estiveram acesso a créditos como, por exemplo, o Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar (PRONAF<sup>14</sup>) e habitação. Atualmente, a comunidade encontra dificuldades no que se refere à organização da produção e comercialização com o esvaziamento de políticas públicas voltadas para agricultura, principalmente o PAA que era o único meio de comercialização das famílias no PDS, pois dependiam do programa para organizar a produção e manter os equipamentos de plantio. Assim, hoje por essa falta de políticas públicas famílias também encontram dificuldades na organização de uma associação.

Outro fator que vale ressaltar é o índice de analfabetismo de jovens adultos e idosos na comunidade, este se encontra extremamente assustador, cerca de 40 assentados ou são analfabetos ou alfabetos funcionais, em 2013 a 2015 formou se duas turmas de alfabetização de jovens e adultos no assentamento, um projeto do Programa Nacional Educação na Reforma Agraria (PRONERA<sup>15</sup>), vinculado ao MST

---

<sup>12</sup> INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria, é uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agraria e realizar ordenamento fundiário nacional. ([www.incra.gov](http://www.incra.gov), acesso 09 de novembro de 2018).

<sup>13</sup> EZALQ- Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, é uma unidade da Universidade de São Paulo-USP voltada ao ensino, pesquisa e extensão universitária nas áreas de ciências agrarias, sociais aplicadas e ambientais, localizada no campus “Luiz de Queiros” da USP no município de Piracicaba SP. (Cite <https://pt.m.wikipedia.org>. Acesso em 12 de novembro de 2018).

<sup>14</sup> PRONAF- O Pronaf surgiu como resultado das muitas reivindicações dos trabalhadores rurais organizados e de outros grupos sociais, políticas apontavam para importância de se estabelecer que propiciassem os meios necessários ao fortalecimento da produção agrícola familiar no Brasil. (SILVA, 2011. pg. 2)

<sup>15</sup> PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agraria é uma política pública do governo federal, especifica para a educação formal de jovens e adultos assentados da reforma agraria

e Movimento de Educação e Base- (MEB<sup>16</sup>). Neste projeto assentados que nunca frequentaram a sala de aula tiveram a oportunidade de iniciar o processo de alfabetização na busca pela dignidade enquanto sujeitos, o mesmo viabilizou materiais didáticos, consulta no oftalmologista, mas não previa recurso para transporte, alimentação e garantia do espaço, mesmo assim houve um avanço na alfabetização se considerarmos o cenário anterior, no entanto com esvaziamento destas políticas públicas voltada a educação dos trabalhadores do campo, não se tem expectativas de continuidade destas turmas no assentamento.

O assentamento vem resistindo desde então as mazelas do capital na agricultura, nesse movimento de contradições a resistência no território conquistado se tornou uma luta constante dos camponeses que mesmo inserido na realidade, negam o modelo e propõe outra forma de produzir alimentos baseado na produção agroecológica, com respeito à vida e o meio ambiente. Contudo, são camponeses empobrecidos sem apoio governamental no que se refere às políticas públicas para a realização da agricultura e comercialização, sem estruturas básicas como estrada de qualidade, sem água potável, saneamentos básicos, dificuldades de organização. Neste cenário, só restam a estes camponeses buscar meios de subsistência ou autonomia vendendo produtos na rua ou na feira sem agregar o valor real do produto, também alguns camponeses estão sendo subordinados a trabalhar em diárias nas plantações vizinhas, ou bicos na cidade, no entanto mantem sua cultura camponesa de resistência tentando em meio às diversas formas de controle, subordinação e subsunção sobreviver e produzir alimentos saudáveis no lote.

### 2.3. ASSENTAMENTO PDS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA CAMPONESA

No sentido de trazer mais elementos da resistência dos agricultores familiares camponeses de Apiaí e principalmente do assentamento PDS prof. Luiz David Macedo, realizamos um conjunto de entrevistas com sujeitos envolvidos no processo da agricultura do município, compreendendo a importância destes sujeitos se

---

e do crédito fundiário e para a formação de educadores que trabalham nas escolas dos assentamentos ou entorno e atendam a população assentada. (SANTOS, 2012. pg. 629)

<sup>16</sup> MEB – Movimento de Educação e Base é um movimento vinculado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, objetivo deste movimento é promover ações de mobilização social, alfabetização de jovens e adultos e de educação de base.

colocarem na pesquisa. Dialogamos com agricultores camponeses assentados e agentes da secretaria de agricultura e do sindicato rural<sup>17</sup>.

Não foi possível realizar a pesquisa com todas as famílias do assentamento, assim preferimos usar um método aleatório para entrevista, na qual foram pesquisadas três famílias. Sobre os entrevistados da secretaria de agricultura e do sindicato dos trabalhadores rurais, também não iremos no referir pelo nome para preservar a identidade destes sujeitos. No quadro abaixo, indica como irá se referir aos entrevistados e as famílias.

Quadro1- relação dos entrevistados

<b>Secretária de agricultura</b>	<b>de</b>	<b>Sindicato de trabalhadores Rurais</b>	<b>Entrevista no assentamento</b>	
<b>Secretaria (1)</b>		<b>Sindicato</b>	<b>Família (A)</b>	<b>Família (C)</b>
<b>Secretaria (2)</b>			<b>Família (B)</b>	

FONTE: Organização da Autora (2019)

No município de Apiaí a agricultura mantém uma parte considerável na economia do município, segundo entrevista com agentes da secretaria da agricultura, a arrecadação da agricultura em Apiaí chega a 60%, os mesmos afirmam que a produção agrícola contribui direta e indiretamente com a movimentação da economia, com a venda da produção agrícola no mercado local bem como para mercado externo ao município, da mesma forma percebe se a participação da economia no comércio principalmente a partir das lojas de produtos agropecuários.

No município é o que a gente vinha falando mesmo né tem falado Apiaí é um município que depende da agricultura, tanto que pelos índices que a prefeitura passa pra gente é de 60% a arrecadação na agricultura né direto e indiretamente 60%. (SECRETARIA 2, JUNHO/2019)

Acredito que tenha no município mais de mil propriedades rural né e contando com produtores arrendatário, deve dar mais de mil e quatrocentos produtores rurais sem contar que além de produtores, tem a parte indireta né que é as firmas, as fabricas que vem vende as firmas de insumo que gera muita riqueza pro município. É muito importante a agricultura na nossa economia (SECRETARIA 1, JUNHO/2019)

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada em julho de 2019.



No entanto, a economia do município também é altamente dependente do pacote tecnológico do agronegócio com a venda de insumos agrícolas, ou seja, fertilizantes sintéticos, sementes e agrotóxicos, como afirmam os agentes da secretaria da agricultura do município parte destes agricultores são arrendatários, não se caracterizam agricultores familiares, mas sim agricultores que mantêm relações capitalistas na produção. E apesar do município possuir especificidades devido ao grande número de unidades de produção familiar conforme dados da Lupa– Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo (2007,08), mas a sua dinâmica econômica está inserida na lógica mercantilista da agricultura capitalista conforme observa o dirigente do sindicato da agricultura familiar.

A agricultura empresarial existe na região no município principalmente, mais é com tomate, e tá entrando bastante soja também, então a gente tem uma renda também boa mais para os grandes produtores. (SINDICATO, JUNHO/2019)

Mesmo inserido nesta dinâmica da agricultura capitalista, o assentamento se mantém como foco de enfrentamento e resistência no município, pois preservam seus princípios na organização da produção, a comunidade conserva o compromisso com a matriz tecnológica baseado na produção agroecológica, orgânica na produção alimentos saudáveis. É importante ressaltar que as características da área onde as famílias estão assentadas, a composição territorial é em torno de 80% de mata atlântica e ao lado do parque estadual PETAR e parque Municipal Morro do Ouro, fato que exigiu para a sua instalação a definição de realizar um assentamento com PDS - Projeto de Desenvolvimento Sustentável.

O histórico da comunidade revela um processo de construção e organização marcado por intensas contradições, com momentos de avanços e momentos de retrocessos, a instabilidade das políticas públicas, a falta de logística para estocagem, beneficiamento e a comercialização bem com a falta de assistência técnica são fatores limitantes e que levam a insegurança e conseqüentemente desestruturação da produção. Segundo as entrevistas o assentamento no início da sua implantação obtiveram várias conquistas, no que se refere à organização da produção e renda e moradia.



Conseguimos acessar os créditos, projeto do PAA ajudou muito tínhamos acessória do INCRA que ajudou muito, logo que assentados na sequência acessamos o PRONAF que alavancou a estrutura do assentamento, na sequência começamos a construir estradas que ajudou na locomoção pra transportar os produtos. Hoje temo gado adquirido pelo PRONAF, pequena produção de mel que continua produzindo, e mais hoje tem a produção grande pra consumo. Pra nós no caso melhor o bastante por que saímos do barraco com muita luta em sequência a luz pra todos, depois demos uma ampliada na área com nosso esforço colocamos água encanada da mina fizemos uma fossa biodigestora, mais ou menos isso né. (FAMILIAA, JUNHO/2019)

No processo de luta pela terra as famílias viviam de doações de cestas básicas de apoios e parceiros da reforma agraria, moravam em barracos de lona em condições precárias. Quando se consolidou o assentamento em 2009, a comunidade buscou recursos para apoio à agricultura, acessaram algumas políticas de reforma agrária, como programa de aquisição de alimentos, estes apoios iniciais contribuíram para melhoria na situação das famílias que conseguiram organizar a produção para o consumo e renda familiar.

Se há recursos tecnológicos e formas de acesso a eles compatíveis com as formas de existência dos camponeses – a disposição e a mudança é canalizada em meios de eficiência da produção (consumo e trabalho) das famílias camponeses; (COSTA, CARVALHO, 2016, p. 32)

No entanto, devido às debilidades destas políticas e falta de apoio do município e a própria conjuntura política que foi se alterando, as famílias não conseguiram acessar todo o credito habitação, não conseguiram projetos de saneamento básico e canalização de água nas casas. Portanto nota se que teve algum avanço, mas no decorrer do processo de consolidação do projeto de assentamento as problemáticas foram aparecendo e atualmente se agravam.

O governo cortou que vinha pra ampliação das casas, porque aqui é um lugar muito úmido, e eu acho que todas as casa merecia ter uma área em volta pra pode protege, já as janela porta que durava muito mais, então ele corto essa verba aí que era pra ampliação, então fico quase todo mundo na mão todo mundo mesmo até que algumas casa que seria pra faze que não saiu né. Acho que ainda tem muito problemas nas questões de agua tem casa que passa muito apuro, não tem agua mesmo né, daí teve um projeto que a gente discutiu muito o projeto em reunião estava até aprovado mais daí o governo suspendeu, era um projeto grande de saneamento de agua, e de lá pra cá foi só cortando né cortando, cortando né e está no pé que está hoje, tem casa daí que não tem nem vidro na janela, porque o crédito da casa não dava pra terminar de jeito nenhum, daí a gente não teve o segundo crédito pra dar acabamento e ampliação, nesse ponto deixa muito a desejar por ser um lugar chuvoso né, a gente fica penando aí, porque tem casa que tem forro e não tem piso, tem casa que tem piso e não tem forro,

não tem nem janela mais porque a janela apodreceu com o tempo né devido a umidade.(FAMILIA A, JUNHO/2019).

A gente adquiriu um imóvel que está sendo nossa cobertura né, e que não teve continuidade do acabamento da obra que paro no meio termo da cobertura e estrutura que a gente mora nela. (FAMILIA B, JUNHO/2019)

As casas tá faltando muito aqui pra termina ô... não veio o dinheiro da ampliação é a habitação, muita gente que ainda não pego também né, então tem muita gente que mora em situação inadequada, as nossa casa umas tem vidro é tem vido e não tem é piso, outras tem banheiro e não tem acabamento nenhum, tá tudo mau acabado, nossas casa a gente dependia muito como diz dessa melhora né pelo tempo que a gente sofreu tanto em acampamento isso daí é seria justo pra gente ter uma moradia decente ( FAMILIA C, JUNHO/2019).

Sobre tudo as famílias vêm vivendo em meio às mazelas do sistema, que não compreendem a agricultura familiar camponesa como uma forma de produção autônoma, sendo estas produtoras de alimentos para o consumo e o excedente como trabalho necessário para a manutenção de seus meios para produção. No entanto, em períodos anteriores a 2016 às famílias camponesas do assentamento com acesso e o apoio do PAA organizavam suas atividades produtivas para investimentos tanto para os meios de produção (insumos, ferramentas, preparo do solo, etc.) para manter o consumo e comercialização em vendas diretas.

A gente teve momento difícil, depois pegamos uma mare boa também, ai o PAA funcionava, a gente tinha uma renda por mês, e eu acho que não era ruim pra ninguém que na época, a gente trabalhava bastante mais no final do mês se tinha sua renda. (FAMILIA C, JUNHO/2019)

Os agricultores familiares do município que não tem nenhuma relação com assentamento de reforma agrária também conseguiam manter uma produção organizada para venda e consumo, o programa contribui significativamente para melhoria da qualidade de vida da população apiaiense que recebiam dos agricultores os produtos. Este incentivo em organizar a produção por meio de vendas diretas trouxe uma melhor estabilidade para os camponeses de Apiaí, mas sobre tudo em dias atuais percebe se que com o fim do programa os agricultores camponeses estão encontrando várias problemáticas no que se refere à produção e comercialização, como relata os agentes secretaria da agricultura e o sindicato.

Dentre destes mil e trezentos a mil e quatrocentos agricultores acho que na faixa de 60 % é familiar, e era muito fortalecido com PAA né o PAA deu uma impulsionada na agricultura familiar, tinha quatro associações entregando, era bem movimentado a nossa agricultura familiar, depois que

o PAA saiu deu uma parada, até as associações tem duas entregando na merenda escolar hoje com cerca de 60 produtores quando tinha o PAA, através da entrega e do valor agregado o pessoal se obrigava se organiza e planta organizado né pra planta no ano, então agora a agricultura familiar ela fico mais individual vamos dizer assim ficou mais dificultosa né, já que se eu trabalho sozinho tenho que planta sozinho tenho que transporta sozinho, a aonde vai vende né ! Se na feira no mercado, então essa desorganização que veio através do PAA ele deu depois tiro então essa dificuldade para o produtor familiar ter que trabalhar hoje individualmente ter que trabalha sozinho. (SECRETARIA 1, JUNHO/2019)

É o município é essencialmente agrícola, e a agricultura a maior parte é familiar, então tendo em vista a agricultura ser forte na região e principalmente no município, nós trabalhamos com a agricultura familiar, tinha antes até uns anos atrás ai trabalhava no PAA e agora temos só o PNAE (SINDICATO, JUNHO/2019).

Neste sentido observa se a importância de política pública para agricultura familiar, o agricultor familiar camponês por mais que produza para o consumo necessita de políticas de Estado para assim incentivar a comercialização e organização da produção. A ausência das mesmas levam os agricultores a prática da integração ao modelo de produção empresarial, os mesmos deixam de organizar a produção para o consumo e comercialização, pois ficam dependentes da organização de empresas as quais passa determinar o que e como esses agricultores devem produzir acabando com suas raízes culturais e com sua convivência harmoniosa com a terra, por mais que se justifique dizendo que o agricultor integrado consegue viver melhor, ele está perdendo totalmente sua natureza de ser e viver porque esta pautada em uma forma de produção totalmente desarticulada da sua realidade, da sua vida, sua cultura e de seu mundo.

O assentamento com a forma de produzir alimentos saudáveis vem contribuindo para a transformação da realidade da agricultura no município, ainda que em passos lentos observa se que os agricultores familiares de Apiaí começam a se interessar e buscar maneiras de mudar sua matriz de produção para orgânica como expõe o dirigente do Sindicato.

Temos dois agrônomos trabalhando na região aqui por dois anos é e ensinado a melhor maneira de trabalhar e principalmente trabalhar com a agricultura orgânica né isso é um forte que estamos tentando, é coloca na mente dos produtores hoje da pra trabalhar com orgânico (SINDICATO, JUNHO/2019).

Neste sentido, compreende que a um apelo social na perspectiva da produção de alimentos saudáveis, em Apiaí apesar de ser recente este debate as famílias do

PDS procuram dialogar com a população e mostrar a importância de consumir alimentos livre de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos para a preservação da saúde humana. Ainda encontram vários limitantes para de fato mostrar a viabilidade da produção orgânica e os benefícios do consumo alimentos de qualidade, visto que o município ainda é muito dependente da lógica capitalista na agricultura.

É necessário ressaltar que a agricultura familiar camponesa representa um processo histórico de resistência e por mais que inserida na lógica capitalista busca forma de contrapor ao modelo nem que seja em passos lentos, mas resiste e sobrevive. Desta forma percebe se a importância da formação da consciência do agricultor familiar para que compreenda como necessário o seu papel de sujeito histórico na produção de alimentos saudáveis, para manutenção da sua existência.

Também compreende a necessidade de políticas públicas que atenda as demandas técnicas e científicas dos agricultores familiares camponeses, como sementes, insumos orgânicos, caldas etc. bem como o apoio possibilitando logística no beneficiamento e distribuição de alimentos para atender a demanda da população. Há de considerar, que para fortalecer a agricultura familiar camponesa comprometida com a produção de alimentos saudáveis necessita do entendimento e a participação do conjunto da sociedade na busca de mudança estrutural que possibilite transformação humana e social.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou fazer uma reflexão sobre a agricultura capitalista e suas formas de contradições no campo, principalmente com o modelo do agronegócio comandado por um conjunto de empresas vinculadas ao capital financeiro que passou a orientar toda cadeia produtiva do setor agroalimentar, ou seja, produção, industrialização e comercialização. Este modelo de agricultura vem causando sérios problemas sociais, econômicos e culturais no campo. E neste movimento contraditório estão inseridos os agricultores familiares camponeses, que historicamente estão resistindo e lutando incansavelmente para manter sua existência diante dos diferentes tipos de exploração, subordinação e principalmente a destruição de sua relação cultural com a terra e a natureza. Diante disso os agricultores familiares camponeses por suas relações sociais e identidade própria negam este

modelo de produção, e buscam autonomia na sua forma de produzir alimentos, organizar a produção, se relacionar com a terra.

Com a nossa reflexão buscamos compreender a realidade da agricultura e as formas de resistências camponesas no município de Apiaí principalmente com assentamento PDS professor Luiz David Macedo, para esta reflexão realizamos entrevistas com sujeitos envolvidos na realidade da agricultura do município e algumas famílias do assentamento que vem de um longo processo de resistência no território por propor um modo de produzir baseado na agroecologia e produção saudável, ao passo que enfrentam diversas dificuldades principalmente com o fim de políticas públicas que contribuam na organização e comercialização da produção.

Vale ressaltar que a maioria dos agricultores familiares do município encontram-se com as mesmas dificuldades, portanto, compreendemos que a agricultura camponesa necessita de políticas públicas que atendam as demandas da organização produtiva como assistência técnicas, insumos agrícolas, sementes, fertilizantes orgânicos, caldas etc. bem como o apoio que possibilite a logística para o beneficiamento e distribuição de alimentos para atender a demanda da população.

Mesmo vivendo em condições precárias para realizar uma produção que fortaleça os seus meios produtivos e de comercialização que garanta a renda familiar, é possível identificar que alguns agricultores do município estão fazendo opção em desenvolver experiências a partir de outra matriz produtiva dispensando o uso de agrotóxicos e praticando uma agricultura saudável, essas iniciativas vêm ocorrendo devido uma tomada de consciência dos agricultores familiares, deste modo podemos dizer que está havendo formas de interação e trocas de experiências entre as famílias do PDS com os agricultores do município que contribui neste novo conceito de produção. Neste sentido, observamos processos de formação entre os agricultores e mesmo que gradual apresentam passos importantes na transformação da realidade da agricultura do município.

## REFERÊNCIAS:

AQUINO, Manuela Martins da Costa, **Os Impactos Socioambientais da Mineração: Um Estudo sobre o Pólo Minerquímico em Cajati-SP.** — 2019

BARTRA, Armando, **La exploracion del trabajo campesino por el capital.** 2 ed. México: Comité de publicaciones de los alumnos de la escuela Nacional de antropologias e Historia; Coedición com Editora Macehual, 1982.

CALDART, Roseli Salete, **Pedagogia do Movimento Sem Terra** - 4 ed. - São Paulo: Escola, Expressão Popular, (2012).

CARVALHO, Horácio Martins, **O Campesinato Contemporâneo como Modo de Produção e como Classe Social** In: STEDILE, João Pedro et al.(org.) **A Questão Agrária do Brasil: Interpretações sobre o Camponês e o Campesinato** –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2016.

CARVALHO, Horácio Martins. COSTA Francisco de Assis, **Agricultura Camponesa** In: CALDART, Roseli Salete et., **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, (2012).

DELGADO, Guilherme costa, **Do “capital financeiro na agricultura” a economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965- 2012)** – Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2012.

FERNANDES, Bernardes Mançano, **Quando a Agricultura Familiar é Camponesa** In: STEDILE, João Pedro et al.(org.) **A Questão Agrária do Brasil: Interpretações sobre o Camponês e o Campesinato** –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2016.

FERNANDES, Mançano Bernardes, **Questão Agrária: Conflitualidade e Desenvolvimento Territorial** In: STEDILE, João Pedro et al.(org.) **A Questão Agrária do Brasil: debate na década de 2000** –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

GONÇALVES, Joseane. ARRUDA, Cristiane Aparecida. SILVA, Natália. GUHUR, Dominique Michéle Perioto, **A Agroecologia na Formação de Educadores do Campo: Algumas experiências da Turma Iraci Salete Storzak.** In: GUHUR, Dominique Michéle Perioto et al. (org.) **Vivencias pedagógicas e coletivas turma Iraci S. Storzak: Os dose anos de luta para efetivação do curso e seu processo formativo.** Maringá PR; UEM, 2017.

GORGEN, Frei Sergio Antônio, **A Agricultura Camponesa** In: STEDILE, João Pedro et al.(org.) **A questão Agraria do Brasil: Interpretações sobre o Camponês e o Campesinato** –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2016.

IASI, Mauro Luiz, **Processo de consciência.** São Paulo: CPV, 1999.

LUZ, Rubens Calazans. **Santo Antônio das Minas de Apiahy**. Apiaí: SP, 1996.

MATHEUS, Delwek. **Análise da Política dos Territórios da Cidadania e a ação do Capital no Campo: O Caso do Sudoeste Paulista**. São Paulo: texto impresso, 2016.

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, **Agroecologia, Soberania Alimentar e Cooperação**. Caderno de Educação nº2 – Coleção Sempre é Tempo de Aprender. SP: MST, Setembro de 2010.

MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, **Programa Agrário**. São Paulo, 2013.

ROSENDO, Alexandre. Uma Investigação no Vale do Ribeira (SP). In: **A Nova Cultura**. *On-line*, 2015. Disponível em: <https://www.novacultura.info/single-post/2018/02/15/Uma-investigacao-no-Vale-do-Ribeira> . Acesso em julho/setembro de 2019

STEDILE, João Pedro, **Tendências do Capital na Agricultura** In: STEDILE, João Pedro et al.(org.) **A Questão Agrária do Brasil: debate na década de 2000** –1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2013.

THOMAS JUNIOR, Antônio, **Se camponês, se operário! Limites e perspectivas para a compreensão da classe trabalhadora no Brasil**. In: THOMAS JUNIOR, Antônio et al.(org.) **Geografia e Trabalho no Século XXI**. Presidente Prudente: texto impresso, 2006.